

Autobiografia e o revés da memória em *Ainda estou aqui* de Marcelo Rubens Paiva

*Autobiography and the reversal of memory in *Ainda estou aqui* by Marcelo Rubens
Paiva*

Nátali Conceição Lima ROCHA*

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Silvana Maria Pantoja dos SANTOS**

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)/Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

RESUMO: A ditadura militar provocou diversas mudanças na estrutura social brasileira, resultando em consequências que reverberam na subjetividade dos que viveram ou testemunharam atrocidades cometidas pelo regime. As lembranças que emergem de experiências dolorosas levam os sujeitos a revolverem o passado traumático sob diferentes perspectivas. Nesse sentido, o trabalho propõe uma leitura memorialística da obra *Ainda estou aqui* (2015), de Marcelo Rubens Paiva. O narrador-personagem ressignifica o passado pessoal e histórico, com evidência ao desaparecimento do pai, o ex-deputado federal Rubens Paiva, vítima da ditadura militar e os desdobramentos que impactaram o seu núcleo familiar. O trabalho tem como base teórica o pensamento de Lejeune (2014), Arfuch (2010) e Halbwachs (2003). A narrativa autobiográfica de *Ainda estou aqui* põe em cena a memória coletiva e expressa a resistência contra o apagamento de um momento histórico caro à sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; Memória; Ditadura Militar; *Ainda estou aqui*.

ABSTRACT: The military dictatorship caused several changes in the Brazilian social structure, resulting in consequences that reverberate in the subjectivity of those who lived through or witnessed the atrocities committed by the regime. Memories emerging from painful experiences lead individuals to revisit their traumatic past from different perspectives. In this sense, this study proposes a memorial reading of *Ainda Estou Aqui* (2015), by Marcelo Rubens Paiva. The narrator-character reinterprets his personal and the historical past, emphasizing the disappearance of his father, former federal deputy Rubens Paiva, a victim of the military dictatorship, and the unfolding events that impacted his family. The theoretical framework of this study is based on the works of Lejeune (2014), Arfuch (2010), and Halbwachs (2003). The autobiographical narrative of *Ainda Estou Aqui* brings collective memory and expresses resistance against the erasure of a historically significant moment for Brazilian society.

* Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. Bolsista de Apoio Técnico-Institucional (BATI D). E-mail: nathalilima87@gmail.com.

** Doutora em Teoria literária (UFPE). Docente da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: silvanapantoja3@gmail.com.

KEYWORDS: Autobiography; Memory; Military Dictatorship; *Ainda Estou Aqui*.

Introdução

A autobiografia se ancora no gênero escrita de si, a qual pressupõe a presença de um eu que narra suas experiências. Trata-se de uma narrativa que apresenta uma atuação performática do sujeito que se pronuncia. Para Lejeune (2014), a identidade é indispensável ao texto autobiográfico; liga-se à tríade autor/narrador/personagem. Esclarece, ainda, que a identidade do eu pode evidenciar-se tanto na primeira, segunda ou terceira pessoa do singular. No entanto, é facilmente identificável em narrativas em primeira pessoa pelo modo como o narrador/personagem se situa na trama.

Nesse sentido, o trabalho propõe uma leitura dos aspectos autobiográficos da obra *Ainda estou aqui* (2015), de Marcelo Rubens Paiva, a partir de lembranças que envolvem a morte do pai do narrador, Rubens Beyrodt Paiva¹, vítima da ditadura militar. Escrever sobre si é um ato de resistência, então o eu que se narra em *Ainda estou aqui* se expõe e fortalece a memória pessoal e a histórica.

Marcelo Rubens Paiva é escritor, dramaturgo e jornalista. Iniciou a carreira literária com o livro *Feliz ano velho*, 1982. Em 2003, publicou *Malu de bicicleta*. Em 2010, a referida obra foi adaptada para o cinema, cujo roteiro foi escrito pelo próprio Marcelo Rubens Paiva. Em 2012 o filme foi agraciado com o Prêmio Cinema da Academia Brasileira de Letras. Em 2015, publicou *Ainda estou aqui*, com a qual ganhou o prêmio Jabuti na categoria “escolha do leitor”.

Em 2024, *Ainda estou aqui* foi adaptada para o cinema, tendo como roteiristas Murilo Hauser e Heitor Lorega e direção de Walter Salles. O filme rendeu o prêmio de melhor atriz de drama para Fernanda Torres no Globo de Ouro e Satellite Award, pela sua atuação como Eunice Paiva; melhor roteiro no Festival de Veneza; o prêmio Goya de melhor filme Ibero-Americano. Foi considerado o melhor Longa-Metragem brasileiro

¹ Rubens Beyrodt Paiva iniciou sua vida política no movimento estudantil. Kursou engenharia pela Universidade Mackenzie, em São Paulo, foi presidente do Centro Acadêmico e vice-presidente da União Estadual dos Estudantes de São Paulo. Em 1962, foi eleito deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Foi um dos desaparecidos políticos durante a ditadura militar. Em 1996 a família conseguiu do governo a declaração de óbito de Rubens Paiva, graças aos esforços da esposa, Eunice Paiva.

pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine). Em 2025 foi agraciado com o Oscar de melhor filme internacional.

Em *Ainda estou aqui* (2015) o autor insere-se como narrador e personagem para dar testemunho de suas vivências e dores. E assim, traça um panorama do passado histórico brasileiro, intercalado com acontecimentos da infância, vivências com os pais, avós paternos, tios e primos. Na revisita ao passado, acaba por expressar o seu ponto de vista sobre a ditadura militar e a forma como ele e a família foram impactados pelas mudanças provocadas pelo desaparecimento do pai, tendo como consequência a interrupção da felicidade e de sonhos idealizados. O enredo é fragmentado, com percursos de idas e vindas, próprios de textos memorialísticos.

O autor/narrador/personagem lança também o olhar para o presente, a ressentir o definhamento da mãe, Eunice Paiva, acometida pelo Alzheimer; mostra os desafios enfrentados por ela, tendo que conduzir, sozinha, o destino da família, após o desaparecimento do marido. A visão que tem da mãe é de uma mulher destemida, que se lançou em oposição ao Regime e lutou para que crimes da ditadura pudessem ser investigados e concluídos.

A narrativa apoia-se em entrevistas de colunas de jornais e de documentos do Ministério Público do Rio de Janeiro, que investigaram o desaparecimento e morte do pai do narrador. Essas junções que envolvem memória individual, coletiva e afetiva, constroem uma narrativa de forte teor autobiográfico.

Beatriz Sarlo (2007) entende que o discurso de quem lembra auxilia na reelaboração do passado. A memória, então, não é apenas um campo de armazenamento de informações e de vivências, mas também implica um revezamento entre lembrança e esquecimento. O ato de lembrar é para o autor/narrador/personagem de *Ainda estou aqui* (2015) uma forma de luta, no sentido de manter viva a memória dos pais e também uma forma de seguir em direção ao futuro, amparando-se na sua trajetória de vida.

2 “Se tudo é recriação de algo inventado, nada é invenção”: conexões possíveis entre autobiografia e memória em *Ainda estou aqui*

Lejeune (2014) discute a autobiografia a partir de um ponto crucial: um sujeito que se coloca como investigador de si mesmo e que relata acontecimentos de sua vida, no entanto, há de se considerar que é impossível trazer a narrativa de uma vida tal qual por vários fatores, um deles decorre da limitação da escrita, um outro, que se considera

mais importante, é a distância temporal entre o vivido e o lembrado, o que favorece a interferência da imaginação no preenchimento das lacunas.

Dessa maneira, se a autobiografia está relacionada à narração de um eu que se narra e que o faz por meio da memória, pode-se considerar que esta pode ou não estar sendo totalmente fiel aos fatos, pois é permeada pelos liames da subjetividade, das impressões de si mesmo e dos acontecimentos ao redor.

A obra *Ainda estou aqui* (2015), de Marcelo Rubens Paiva, enquadra-se na modalidade autobiográfica posto que produzida por um sujeito que se coloca como real dentro de um determinado contexto linguístico-literário. Arfuch (2010) entende que o “eu” insere-se no texto literário por meio da subjetividade empregada na linguagem que permite ao sujeito imprimir reflexões sobre o vivido.

[...] a aparição de um “eu” como garantia de uma biografia é um fato que remonta a pouco mais de dois séculos somente, indissociável da consolidação do capitalismo do mundo burguês. Efetivamente, é no século XVIII – e segundo certo consenso, a partir das *Confissões* de Rousseau – que começa a se delinear nitidamente a especificidade dos gêneros literários autobiográficos, na tensão entre a indagação do mundo privado, à luz da incipiente consciência histórica moderna, vivida como inquietude da temporalidade, e sua relação com o novo espaço social. Assim, confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências traçariam, para além de seu valor literário intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente. (Arfuch 2010, p. 36).

Para Arfuch (2010) a origem da escrita de si está relacionada ao capitalismo burguês. As *Confissões* de Rousseau é considerada a obra estreada do gênero. Nela, o narrador desvenda o seu espaço privado, posiciona-se sobre os acontecimentos e põe ao jugo dos seus leitores. Arfuch (2010) entende, ainda, que a individualidade tem valor preponderante em textos memorialísticos, os quais não apresentam somente valor literário.

A autorreflexão mencionada por Arfuch (2010) é passível de ser verificada nas primeiras páginas de *Ainda estou Aqui* (2015), em que o narrador problematiza o próprio ato de rememorar: “O renascimento de um fato psicológico passado, seu reconhecimento e localização são as condições necessárias das lembranças. Ou da memória” (Paiva, 2015, p. 17). Essa passagem já prepara o leitor para a narrativa que está por vir, focada nas “condições necessárias das lembranças”, tendo um autor que se volta para si mesmo.

Lejeune (2014) assevera que à medida que o autor-narrador-personagem mergulha nas suas memórias faz emergir o que considera verdade para si (não a verdade propriamente dita) e traz a seguinte argumentação:

Há verdades que ferem. [...] O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de ‘identidade narrativa’, como diz Paul Ricoeur, em que consiste qualquer vida. É claro que ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-lo ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel a minha verdade: todos os homens que andam na rua são homens - narrativa, e é por isso que conseguem parar em pé. Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que corresponde a esse imaginário está do lado da verdade. Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção. (Lejeune, 2014, p. 121).

Desse modo, a escrita autobiográfica implica um encontro consigo mesmo, por meio da reescrita do passado. Ao fazer tal empreendimento, o indivíduo está constantemente recriando o que Ricoeur, citado por Lejeune (2014), denomina de *identidade narrativa*. Ou seja, o sujeito não está se inventando, mas aperfeiçoando algo que julga verdadeiro. O trecho abaixo evidencia uma tentativa do autor-narrador-personagem de *Ainda estou aqui* de fazer com que o leitor tenha uma imersão, junto com ele, em lembranças do acontecimento que mudaria para sempre a vida da família: a prisão arbitrária do pai.

O dia 20 de janeiro de 1971 era feriado no Rio, por isso dormi até mais tarde. De manhã, quando todos se preparavam para ir à praia (e eu dormindo), a casa foi invadida por seis militares à paisana, armados com metralhadoras. Enquanto minhas irmãs e a empregada estavam sob mira, um deles que parecia ser o chefe, deu uma ordem de prisão: meu pai deveria comparecer na Aeronáutica para prestar depoimento. Ordem escrita? Nenhuma. Motivo: Só Deus sabe. (Paiva, 2015, p. 71).

O autor-narrador-personagem rememora, com exatidão, a data da prisão: 20 de janeiro, feriado municipal no Rio de Janeiro em homenagem a São Sebastião. Em feriados há uma tendência à quebra na rotina cotidiana, de modo que a família permanecia em casa, o que favoreceu a abordagem policial e o impedimento que as pessoas se dispersassem.

A memória também envolve um contexto coletivo. Como diz Halbwachs (2003), a memória individual é um desdobramento da coletiva. Nesse sentido, a lembrança do narrador-personagem envolve a cena familiar, mesmo sem mencionar diretamente os seus

membros. Nesse sentido, as experiências dolorosas vividas pela família do autor são o *corpus* da narrativa, entrelaçada à história do Brasil, devido ao contexto e as consequências que reverberam no protagonista, mesmo após décadas do fim da ditadura militar.

Por algumas vezes a narrativa apresenta saltos temporais, o que tem implicações no modo como o narrador-personagem se posiciona. Na cena a seguir, ele muda a pessoa do discurso, de primeira para terceira pessoa: “O elemento Marcelo Paiva, universitário, morador de uma república estudantil em Campinas, na rua Carolina Florença afirma ser namorado da ex-colega de escola [...] moradora da Cidade Jardim, São Paulo, capital” (Paiva, 2015, p. 85). Nesse lapso temporal o narrador já é adulto, estudante universitário. Mas o que chama a atenção é o uso da terceira pessoa, o que condiz a um distanciamento que evidencia que o eu que narra não é mais o mesmo de antes.

Na condição autobiográfica verificada na citação a seguir o distanciamento permanece, no entanto o narrador volta a se colocar em primeira pessoa, uma forma de olhar para a vida a uma certa distância para melhor entender a si mesmo.

Toda vez que passo pela Afrânio, imagino a cena: o garoto de onze anos, em 1971, correndo desesperado num inocente dia de praia, voltando para casa em pânico, para os braços da mãe, sabendo que o pai foi preso. [...] Por muitos anos, as traves em frente de casa mantiveram um rabisco que fiz na infância: MRP. Por muitos anos, fiz questão de checar se o rabisco se mantinha na década de 70, 80. Mataram o RP, mas o MRP resistia. (Paiva, 2015, p. 123).

O narrador relembra uma fase da infância em que ainda garoto possuía o hábito de marcar as siglas dos nomes pelos lugares que passava. Um desses lugares era um campo de futebol situado em frente à sua antiga residência. A sigla MRP refere-se ao seu nome completo, Marcelo Rubens Paiva. O eu adulto, Marcelo Rubens Paiva, diante do eu menino: “garoto de onze anos, em 1971, correndo desesperado num inocente dia de praia”. A inocência de outrora desaparece na vida adulta, sendo substituída por uma indignação e uma lacuna jamais preenchida.

Miranda (2009), ao discorrer sobre a autobiografia, entende que a narração autobiográfica não se sustenta apenas na afirmação de um “eu”, mas também fundamenta-se em mudanças drásticas na vida. Nesse sentido, o eu do passado “garoto de onze anos” e o eu do presente que volta ao lugar dos rabiscos para constatar se ainda estão lá, fundem-se na tentativa de reverter o fluxo temporal, de rebobinar o passado e trazer de volta a vida que ele tivera, amparada nas figuras materna e paterna.

Ao discorrer sobre a gênese da narrativa, o narrador-personagem afirma que o modo como ele reconstrói sua história está ligado a uma tentativa de seguir uma cronologia.

Começo com uma criança construindo sua memória, que é o meu filho Joaquim, de um ano e meio. Passo pela memória da minha mãe, com uma demência, apagando-se. E então vem o Brasil com a Comissão da Verdade, tentando resgatar a memória de tempos nebulosos. O ponto de partida foi mesmo o Alzheimer. Aquele primeiro capítulo, sobre a interdição da minha mãe, escrevi naquela época, em 2008. Achei aquela cena muito forte, o juiz me dizendo que, a partir daquele momento, eu era o responsável legal e civil dela. (Paiva, 2015).²

Nesse sentido, para escrever suas memórias foi preciso fazer contrapontos: primeiro, as memórias a partir da presença do filho dele; segundo, o esquecimento da mãe provocado pelo Alzheimer, por fim, a fluidez da escrita que ocorre após a comissão da verdade, a qual permitiu destrinchar as teias que envolviam a captura, tortura, homicídio e o desaparecimento do corpo do pai.

Arfuch (2013) afirma que recentemente houve uma disseminação de escritas de si: autobiografias, memórias, diários, entrevistas, relatos de vida, dentre outros, que trazem uma via que permite ressignificar o passado por meio de vozes que visam tornar audível o seu testemunho.

Hace anos se hablo de um ‘retorno del sujeto’ [...]. El tempo transcurrido fue afirmando esse protagonismo – no desligado sin embargo de otras ideas de socialidad [...]. Rostros, voces, cuerpos se hacen cargo de palabras sostienen autorias, reafirman posiciones de agencia o de autoridad, testimonian el haber vivido o haber visto, desdunan sus emociones, rubrican políticas de identidad. (Arfuch, 2013, p. 20).³

Assim, a narrativa de si em *Ainda estou aqui* vem envolvida por acontecimentos políticos e sociais, cujas lembranças do narrador ancoram-se no grupo familiar e, principalmente, na prisão e morte do pai, a qual reverbera na violência que a família dele fora submetida.

² Trecho retirado de entrevista concedida a Aline Ribeiro. *Revista Época*, 2015. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/08/marcelo-rubens-paiva-minha-mae-foi-grande-heroina-desta-historia.html>

³ “Há anos se falava de um “retorno do sujeito” [...]. O tempo que passou foi afirmando esse protagonismo – não desligado, porém, de outras ideias de socialidade [...]. Rostos, vozes, corpos se fazem cargo de palavras, sustentam autorias, reafirman posições de agência ou de autoridade, testemunham o ter vivido ou o ter visto, desnudam suas emoções, rubricam políticas de identidade”.

Ao sustentar a sua autoria e reforçar as evidências, o narrador dá ênfase a uma coluna publicada por Antonio Callado em 1995, no jornal *Folha de São Paulo*, na qual detalha um encontro tido ao acaso com Eunice Paiva, logo após a morte do marido.

Outra recordação que me ficou nítida liga-se a Búzios. Ali fui, num final de semana de 1971, hóspede de Renato Archer. Saíra com ele, Maria, Maurício Roberto e outros amigos para um passeio de lancha. Quando paramos, ao voltar, a uns cem metros da praia, vimos alguém, uma moça que nadava firme em nossa direção. Minutos depois, subia a bordo, cara alegre, molhada do mar, Eunice Paiva, mulher do deputado Rubens Paiva, amigo de Renato, amigo meu, de todos nós, um dos homens mais simpáticos e risonhos que já conheci. Eunice andara preocupada. Rubens fora detido pela Aeronáutica dias antes e nenhuma notícia sua havia chegado à família. Mas, agora Eunice, que fora também presa mas em seguida libertada, podia respirar, tranquila, podia nadar em Búzios, tomar um drinque com os amigos, pois acabara de estar com o ministro da Justiça, ou da Aeronáutica, que lhe havia garantido que Rubens já tinha sido interrogado, passava bem e dentro de uns dois dias estaria de volta em casa. [...] A família Paiva nunca mais teve notícias oficiais de Rubens. Nunca se encontrou a cova onde o terço atirado após o assassinato. A cara de Eunice continuou molhada e salgada durante muito tempo, tal como naquela manhã em Búzios. A água é que não era mais do mar. Eu e minha mãe lemos a coluna juntos, no sábado em que foi publicada, durante um almoço na casa dela. Acho que ficou lisonjeada. Você se lembra desse dia em Búzios? - Claro. Foi dias depois de eu ser solta, em 1971, eu estava magérrima, queimada, de biquíni, linda... – ela disse, e foi sorridente para cozinha. O que importa era que ela estava magra, magérrima, queimada, linda. **E que a prisão não a quebrou por dentro.** (Paiva, 2015, p. 35-36 grifo nosso).

O narrador utiliza-se do discurso de Antonio Callado, que também publicou obras literárias que contextualizavam a ditadura, para validar a sua percepção e conferir credibilidade a sua narração.

A citação revela o caráter luminoso da memória e de como um evento pode ser lembrada sob diferentes formas. A partir das impressões de Antonio Callado, o narrador-personagem imagina como teria sido observar a mãe saindo do mar de biquíni, bronzeada, mais magra e disfarçando estar alegre após ficar presa vários dias e ter sofrido diversas violências psicológicas. Conforme o narrador, apenas os literatas tem a capacidade de apreender a dualidade de certas imagens e também de discorrer sobre as mesmas. A seguir, as impressões do narrador sobre o mesmo episódio:

No verão de 1971, a imagem da minha mãe, aliviada, de biquíni, com os olhos castanhos-claro brilhando sob a luz do sol, quarenta e um anos, subindo alegre numa lancha depois de ficar doze dias presa no DOI-CODI do Rio de Janeiro, sem ter a menor ideia de que por que fora presa nem de que o marido estava morto havia muito, não saiu da memória de Callado. Escritor é assim. Lembra-se das contradições enormes, de imagens que podem ser descritas décadas depois, pois ficou tocado por ela. **Ela tinha perdido vinte quilos. Ficou presa numa cela de fundo, em que quase ninguém aparecia. Sem sol.** Ela não viu

meu pai, apenas a sua foto no álbum de presos, o que a deixou contraditoriamente aliviada, pois então ele estava ali, nas mesmas dependências, vivo, e ao mesmo tempo angustiada, pois seu rosto fazia companhia ao de centenas de presos, suspeitos, guerrilheiros, inimigos do sistema, procurados, mortos em combate, torturados, subversivos, ou, como preferia a imprensa: O Terror! (Paiva, 2015, p.37, grifo nosso)

As impressões de Callado não são capazes de registrar o dilaceramento interior da mãe do narrador, o qual relembra o mesmo acontecimento dando ciência ao sofrimento dela registrado na magreza decorrente da violência vivida na prisão, pois os militares cessavam a alimentação dos presos como forma de torturá-los. Além disso, havia os abusos psicológicos, já que a mãe era obrigada a ver e rever fotos de possíveis comunistas, estratégia usada para intimidar e levar a pessoa a entregá-los.

O narrador-personagem afirma que apesar das autoridades da época não assumirem que haviam cometido crimes contra o seu pai, consta em uma carta enviada à mãe dele pela professora Cecília - à época professora de suas irmãs - que estivera presente no mesmo local de Rubens Paiva e apesar de não tê-lo visto, pôde reconhecer a sua voz. Na tentativa de reforçar as evidências, aponta que somente em 2014, após a morte de dois militares que estiveram envolvidos na morte do pai e de documentos encontrados em suas residências, é que a Comissão da Verdade, pôde, enfim, concluir o relatório que discorria sobre a morte de Rubens Paiva.

Dessa forma, o narrador-personagem ancora-se nas memórias individuais e também na memória histórica, sendo esta vivenciada não só por seu grupo familiar, mas também por outros membros da sociedade. Halbwachs (2003) entende que fatos históricos alteram vivências sociais, capazes despertar imagens que podem reverberar na consciência dos indivíduos envolvidos, a partir de histórias vivida por outros.

A memória histórica utilizada como recurso narrativo é passível de ser verificada em algumas passagens do livro. Eis a seguir:

Minha dissertação de mestrado foi sobre a luta armada. Entrevistei muitos que participaram, dos dois lados. Li de tudo. Relatos de presos que estiveram no mesmo DOI-Codi, no mesmo período. O último livro que li foi justamente do Almicar Lobo. O trocadilho do título é infame: *A hora do lobo*. Lá estava a descrição em detalhes da morte do meu pai na contracapa. Caí num choro incontrolável. Coitado... coitado... Eu não tinha percebido, mas era evidente: eu o pesquisava através de outros relatos, outros personagens, sobreviventes. Entendi então por que minha mãe e irmã tinham sido presas um dia depois. E tomei um susto enorme (Paiva, 2015, p. 221, itálico do autor).

O distanciamento entre o vivido e o lembrado possibilita, no ato da rememoração, uma reflexão sobre os acontecimentos. Nesse sentido, o narrador relata que se amparou em relatos de sobreviventes, em figuras envolvidas na ditadura e em arquivos encontrados em bibliotecas para fundamentar a sua dissertação de mestrado; revela que, involuntariamente, buscava o pai “através de outros relatos, outros personagens, sobreviventes”. Assim, o narrador conecta as suas memórias individuais à memória da ditadura militar que atravessou a sociedade brasileira, como diz Sarlo (2007), o indivíduo que se narra sai das sombras do esquecimento, tendo seu discurso sobre sua vida pessoal ou pública revalorizado, por conseguinte, mantém a lembrança e repara possíveis danos causados a sua identidade ou à coletividade.

Sarlo (2007, p. 25) acrescenta: “A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer, [...] mas da lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar”. Nesse sentido, o narrador de *Ainda estou aqui* diz: “Sei que repetirei lá na frente o que narrei antes. Este livro sobre memória nasce assim. Histórias são recuperadas. Uma puxa as outras.” (Paiva, 2015, p.35). A reiteração no discurso memorialístico ocorre devido ao percurso próprio da memória, o qual não apresenta uma linearidade, mas sim fluxos de idas e vindas, capazes de atualizar vivências, regadas a emoções, percepções e impressões que se tem delas.

A rememoração da experiência permite imprimir um novo significado sobre as impressões que se tem do passado. O narrador diz: “Existem muitas minhas mães. Ela virou outra, depois de viúva. Passou a andar com gente muito mais nova. [...] A ir a festinhas. [...] Era charmosa. Não ficou no balcão da solidão bebendo lágrimas de sal”. (Paiva, 2015, p. 73). No contexto da escrita, o narrador reconhece que a mãe, após a morte do pai, não assumiu o papel de coitada perante a sociedade, ao contrário, reinventou-se. Eunice Paiva formou-se em direito e atuou em diversas causas, inclusive participou da Comissão de Mortos e Desaparecidos que visava julgar casos de desaparecimentos de pessoas durante a ditadura militar e lutou bravamente pelos direitos dos indígenas.

Surgiu uma Eunice que viajava de aviãozinho pela Amazônia, chegava suja de terra e eventualmente com uma tatuagem de urucum, pulseiras e colares, jeans e tênis, que ia e voltava para a Suíça, Genebra, para reuniões no Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, que ia a Brasília defender o direito dos indígenas nas instâncias superiores, Funai, STF, uma Eunice que para variar se renovava, encerrava um luto na medida do

possível e a que meu pai, se por um milagre reaparecesse, teria que se readaptar, uma mulher nova e independente, que não serviria uisquinho para ele, porque estaria numa reunião da ONU. Descobri então que a Eunice não foi uma só. Existiram algumas que não se contrapunham, completavam-se, não se contradiziam, somavam-se, reconstruíam-se da tragédia, alimentavam-se dela pra renascer. (Paiva, 2015, P. 210).

O narrador, no ato de rememorar, continua imprimindo reflexões sobre a mãe. De forma subjetiva, revela ações dela que vão desde a defesa das causas indígenas a participações no júri da Comissão de Mortos e Desaparecidos. Portanto, é evidente que a percepção que tem da mãe envolve uma aura de amor, mas também de admiração pela sua luta, determinação e força diante das atrocidades sociais. Esta admiração está presente também em uma entrevista que o autor concedeu à Rádio Cultura no dia 06 de outubro de 2015, em que afirma que o título da obra é em homenagem à sua mãe Eunice Paiva e explica o porquê.

[...] o livro se chama *Ainda estou aqui*. Porque uma vez ela me disse. Aliás, ela me disse ontem de novo. Ela disse ontem. Ela disse há duas semanas atrás e ela disse há meses atrás, quando eu estava terminando o livro e ainda não tinha esse título. Foi o Luiz Schwarcz que deu esse título. Ela fala essa frase: Ainda estou aqui. Ainda estou aqui. Ontem ela me disse de novo essa frase: Ainda estou aqui. É interessante. Porque é uma memória que está se apagando. Mas, eventualmente há uns reflexos de lucidez e nesse reflexo, ela até entende o que está acontecendo. Entende o que estamos conversando. Ontem estava todo mundo numa mesa grande, família almoçando no domingo, passando futebol na televisão. E ela falou: Ainda estou aqui. Então esse livro é um pouco, é em homenagem a essa pessoa que eu quero é eternizar a vida dela por meio da literatura. E que muitas vezes, muita gente acha que não está mais aqui. Mas, está. (Paiva, 2015). ⁴

Dessa maneira, o autor de *Ainda estou aqui*, ao demonstrar admiração pela mãe, afirma que esta se estendeu ao livro que estava produzindo sobre a vida da família, com ênfase no desaparecimento do seu pai. Cabe observar que, ao discorrer sobre a figura materna, expõe que ela merecia a homenagem mais do que o pai, pois havia sido a verdadeira heroína da história. No entanto, narrador-personagem discorre mais sobre a ausência do pai e o modo como isso impactou a vida dele e da família, principalmente nos sonhos que compartilharam juntos e na possibilidade das experiências que poderiam ter desfrutado junto ao genitor.

Tinha comprado um terreno gigantesco de uma pedreira falida no covão do Cristo, no Jardim Botânico, um achado típico de engenheiro. Faria a nossa casa lá, finalmente uma casa com escritura, sua, da família. **Passávamos horas na sua prancheta desenhando a casa, cada um com seu quarto, com seu**

⁴ Trecho da entrevista concedida por Marcelo Rubens Paiva ao Programa De volta para a casa da rádio Cultura FM em 06/10/2015.

banheiro, com varanda. Haveria um campo de futebol no gramado. Tinha espaço para tudo. O projeto estava somente no papel. Visitávamos o terreno. Tinha uma jaqueira no meio. Por meses, a única coisa que desfrutamos dele foi sua jaca. (Paiva, 2015, p. 107. Grifo nosso).

O terreno aos pés do Cristo foi um sonho que a ditadura militar também lhes usurpou. A família não possuía casa própria e morava de aluguel, nesse sentido, a aflição causada pela ausência paterna se estendeu ao que não pôde ser vivido. Os fatos se convertem em pós memória, já que o narrador insere possibilidades do que poderia ter sido: o sonho do imóvel dilacerou-se com o desaparecimento do pai.

Nesse sentido, narrador-personagem de *Ainda estou aqui* ressignifica memórias particulares e, com isso, reabre feridas e faz sangrar os traumas de uma triste memória da sociedade brasileira marcada pelo *slogan* do “nunca mais”.

Considerações finais

Ainda estou aqui enquadra-se no grupo de narrativas que entrelaçam autobiografia e memória na ressignificação de um passado marcado pela ditadura militar. A narrativa traz as marcas autorais e ancora-se em outros nomes reais, como o da mãe, Eunice Paiva, do pai, Rubens Paiva, do escritor Antonio Callado, dentre outros.

As lembranças emergem de vivências pretéritas que se materializam em imagens que fluem como *flashes*, próprios do fluxo fragmentado da memória, o que justifica o processo de idas e vindas de cenas. A cada reiteração, o narrador atualiza os acontecimentos, por meio de reflexões envoltas por camadas de subjetividade.

Halbwachs (2003) diz que as lembranças pertencem ao escopo da memória individual, mas sobretudo da coletiva, posto que relacionadas a fatos sociais, envolvendo membros da comunidade, sobretudo o familiar, e também históricos. No caso de *Ainda estou aqui* (2015), o assassinato do pai do narrador pela ditadura militar, reverbera em muitas outras pessoas submetidas a perseguições, desaparecimentos e assassinatos também vítimas do Regime.

Ao revolver o passado, o autor-narrador-personagem revisita o momento da prisão do pai que mudaria para sempre a vida da família e reascende feridas que começam pela violência imposta a uma criança de onze anos impedida do convívio paterno e estende-se a outras mais complexas, como a sofrida pela mãe nos porões da ditadura. A obra torna-

se, então, um instrumento de denúncia dos crimes cometidos pela ditadura e seus agentes, contra aqueles considerados “inimigos da nação”.

O narrador-personagem imprime uma aura afetiva e também de admiração pela mãe ao rememorar acontecimentos que envolvem atuações dela. Logo após a saída da prisão, a mesma precisou se reinventar para conduzir a família, inclusive no enfrentamento das dificuldades financeiras. Na atuação como advogada, envolveu-se nas causas sociais, tornando-se uma figura notável pela luta em defensora dos direitos indígenas e atuação, juntamente com outras lideranças, para garantir a demarcação das terras indígenas e também na luta pelo reconhecimento da morte de pessoas desaparecidas no contexto do Regime Militar.

A escrita autobiográfica de Marcelo Rubens Paiva em *Ainda estou aqui* adquire *status* de literatura engajada, por também se ocupar de questões políticas. Assim, por meio do entrelace entre literatura, autobiografia e memória, Marcelo Rubens Paiva dá conta de uma narrativa que se torna uma *política da memória*, tal como afirma Seligman-Silva (2008), sendo um forte instrumento de resistência contra discursos que negam as violências de Estado.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. 370p.

_____. **Memória y autobiografía: exploracion em los limites**. 1ªed. Buenos Aires; Fondo de Cultura Económica, 2013. 168p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet**. Org. Jovita Maria Gerhein Noronha; Trad. Jovita Maria Gerhein Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2.ed. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2014.

MIRANDA, Wander M. **Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago**. 2. Ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: https://kupdf.net/download/miranda-wander-melo-corpos-escritos_59d9656308bbc5ad23434eab_pdf.

PAIVA, Marcelo R. **Ainda estou aqui**. 1ªed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 295p.

_____ **Marcelo Rubens Paiva:** Minha mãe foi a grande heróina da história. Entrevista concedida a Aline Ribeiro. Revista Época. Publicado em: 06/08/2015. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/08/marcelo-rubens-paiva-minha-mae-foi-grande-heroina-desta-historia.html>

_____ **Marcelo Rubens Paiva pretende homenagear a mãe, que ele pretende eternizar na literatura.** Entrevista Concedida ao Programa De volta para a casa em 06/10/2015. Disponível em: <http://culturafm.cmais.com.br/de-volta-para-casa/marcelo-rubens-paiva-pretende-homenagear-a-mae-que-ele-pretende-eternizar-na-literatura>.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA. Márcio. **Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofeshistóricas.** Revista Psic. Clin. Rio de Janeiro, Vol.20, n.1, p.65 – 82, 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/abstract/?lang=pt>.